CUADERNOS DE LA ALFAL
Volumen especial, agosto 2022: 181-202
ISSN 2218-0761

SOBRE *TER* E *HAVER* EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS EUROPEU: AS AVALIAÇÕES DE FALANTES CULTOS (FUNCHAL E BRAGANÇA)

HAVER AND *TER*-EXISTENTIAL CONSTRUCTIONS IN EUROPEAN PORTUGUESE: THE EVALUATIONS OF EDUCATED SPEAKERS OF FUNCHAL AND BRAGANÇA

ALINE BAZENGA
Universidade da Madeira
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
aline.bazenga@staff.uma.pt

Este estudo tem como objetivos (i) conhecer o grau de aceitabilidade de variantes com o verbo *ter* e *haver* em construções existenciais e se a avaliação feita pelos falantes cultos do Funchal (Ilha da Madeira), região onde está em uso a variante não-padrão com *ter,* é distinta ou não da produzida por falantes de outras regiões de Portugal continental e (ii) se a variação do tempo verbal em que se encontra o verbo condiciona ou não as avaliações feitas pelos falantes. Os questionários, onde se pedia aos inquiridos para avaliarem, numa escala de *Likert*, um conjunto de dezoito frases com estes dois verbos, foram aplicados através do *Google forms*. Os resultados, a partir de uma amostra aleatória de 74 participantes, 37 de Bragança e 38 do Funchal (ilha da Madeira), apontam para uma aceitabilidade generalizada das variantes padrão, com o verbo *haver,* e uma diferença significativa nas avaliações positivas das variantes não-padrão, com o verbo *ter.* Com este estudo pretende-se contribuir para um conhecimento mais aprofundado deste fenómeno variável no âmbito das variedades geográficas e sociais do português.

Palavras-chave: Construções existenciais com ter e haver, questionário sociolinguística, avaliações linguísticas, significados sociais, falantes cultos de Portugal (Funchal e Bragança)

This study aims (i) to know the degree of acceptability of variants with the verb *ter* and *have* in existential constructions and whether the evaluation made by the educated speakers of Funchal (Madeira Island), region where the non-standard variant with *ter* is in use, is distinct or not from speakers from other regions of mainland (Portugal), and (ii) whether the variation of the verbal tense in the sentences conditioned or not the evaluations made by the speakers. The questionnaires, which asked respondents to evaluate, on a *Likert* scale, a set

of eighteen sentences with these two verbs, were applied through Google forms. The results, from a random sample of 74 participants, 37 from Bragança and 38 from Funchal (Madeira Island), point to a generalized acceptability of the standard variants, with the verb *haver*, and a significant difference in the positive evaluations of the non-standard variants with *ter.* This study aims to contribute to a deeper knowledge of this variable phenomenon in the geographical and social varieties of the Portuguese.

Keywords: Existential constructions with *ter* and *haver in Portuguese*, Sociolinguistic questionnaire, Linguistic evaluations, Social meanings, Educated Speakers of Portugal (Funchal and Bragança)

Recibido: 10 febrero 2022 Aceptado: 10 junio 2022

1. INTRODUÇÃO

As construções existenciais no Português do Brasil (doravante PB) têm sido matéria de vários estudos. Também foram objeto de trabalhos que incidem sobre aspetos diacrónicos e que esclarecem questões relacionadas com a evolução de *haver* e *ter* como verbos existenciais no português (Viotti 1999, Mattos e Silva 2002, entre muitos outros). No que diz respeito às variedades do português não brasileiras, este tipo de variação sintática não tem recebido tanta atenção. Esta situação deve-se, certamente, entre outros aspetos, ao facto da variante existencial com o verbo *ter* ser considerada específica do PB, do Português de Angola e de Moçambique e inexistente em variedades do Português Europeu (daqui em diante PE):

> O uso de *ter* por *haver* tem sido objeto de estudo sistemático e costuma-se dizer que essa substituição, em estruturas existenciais, constitui uma das marcas que caracterizam o português do Brasil, afastando-o do português de Portugal e aproximando-o do de Angola e Moçambique.
>
> (Leite *et al.* 2003: 101)

Noutros trabalhos, como no de Callou e Avelar (2012: 225), reitera-se a inexistência da construção impessoal com *ter* no PE: "No português europeu, *ter* não pode ser usado em construções existenciais, apenas *haver,* como no exemplo […] 'Há várias calças dentro do armário'". No entanto, trabalhos como os de Carrilho e Pereira (2011) e de Pereira (2014), com recurso a dados dialetais do *Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe (*CORDIAL-SIN[1]), mostram que esta construção não-padrão em PE ocorre em áreas dialetais isoladas de Portugal,

[1] O *CORDIAL-SIN*. criado em 1999 e dirigido por Ana Maria Martins, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), é um corpus anotado que visa o desenvolvimento da investigação sobre a variação sintática dialetal, numa perspetiva de Princípios e Parâmetros preconizada pela Teoria da Variação da Gramática Generativa. O material do *CORDIAL-SIN*. é constituído por transcrições de excertos de fala espontânea e semi-dirigida resultantes de inquéritos dialetais realizados em 42 localidades de Portugal continental e arquipélagos dos Açores e Madeira, no âmbito de outros projetos de geografia linguística do CLUL, tais como o do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (*ALEPG*), o do *Atlas Linguístico do Litoral Português* (*ALLP*), o do *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (*ALEAÇ*) e o *corpus Fronteira Dialetal do Barlavento Algarvio* (*BA*). O tipo de informante selecionado - idoso, pouco escolarizado ou analfabeto, natural da localidade e nela residente, segue os critérios em uso na Dialetologia. No seu estado atual, o *corpus* abrange 600.000 palavras, 70 horas de gravações, e as transcrições e texto anotado estão disponíveis no *site* do CLUL.

nomeadamente as que correspondem aos arquipélagos da Madeira e dos Açores. O contacto linguístico, para além de outros fatores de natureza cultural, social e política, assim como o isolamento conferido pela natureza insular destes territórios, terá contribuído de forma decisiva para esta configuração linguística, caracterizada por formas de uso linguístico do português, distintas das que foram emergindo no espaço peninsular do PE.

O estudo do significado social da variação, ou as representações que os falantes constroem da variação linguística, em termos de juízos de valor, é central na área da sociolinguística (Campbell-Kibler 2011, Oushiro 2021a, 2021b). O problema da *avaliação* constitui um dos cinco problemas ou princípios propostos por Weinreich *et al*. (1968) para ser tido em conta na análise da variação e a mudança linguística. Labov (1972) reconhece que há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua, o que significa que nem todas as variantes linguísticas são efetivamente valorizadas pelos falantes. Pelo contrário, a sua avaliação tende a divergir, sendo umas socialmente mais marcadas – negativa ou positivamente – do que outras, o que pode contribuir para diferentes processos de mudança linguística:

> Os significados sociais dos usos linguísticos podem abarcar desde identidades geográficas (como ser paulista, nordestino, gringo etc.) ou de grupos sociais (gays, jogadores de futebol, nerds, patricinhas etc.) até a atribuição de características pessoais aos falantes (ser pedante, culto, honesto, sofisticado etc.). Tais significados são sempre múltiplos e concomitantes.
>
> (Oushiro 2021b: 319).

A análise dos significados sociais dos usos linguísticos, numa perspetiva mais alargada, no âmbito dos estudos da terceira vaga, defendida por Hall-Lew, Moore e Podesva (2021: 1) tende a incluir correlações entre classe social, práticas sociais, tópicos das conversas, enriquecidas quando os itens sintáticos coocorrem com variantes fonéticas específicas e marcadas (não-padrão).

Podem ainda traduzir-se por diversas atitudes linguísticas, negativas ou positivas. O conceito de atitude, emprestado à psicologia social, tem sido objeto de numerosos estudos sociolinguísticos. Tradicionalmente, as atitudes são descritas como comportando três componentes: a afetiva, ou os sentimentos de uma pessoa sobre o objeto de atitude; a comportamental, ou a influência exercida no comportamento; e, por fim, a cognitiva, envolvendo o conhecimento de uma pessoa sobre o objeto de atitude, sem que tal implique necessariamente uma congruência dos três planos. Pode ocorrer, por exemplo, que um falante possa considerar uma variedade ou variante linguística específica importante e expressar sentimentos positivos em relação a ela, mas optar por não a incluir no seu repertório de usos linguísticos (Garrett 2010, Guy 2013, Albarracin e Shavitt 2018, Dragojevic *et al*. 2020).

Este artigo enquadra-se nesta segunda vertente de análise sociolinguística. Embora numa perspetiva mais restrita, sem recurso a informações de natureza etnográfica, propõe-se estudar a variação *ter / haver* com interpretação existencial sob o prisma não dos seus usos efetivos, mas da avaliação subjetiva por parte de dois grupos de falantes, residentes em duas localidades urbanas, situadas geograficamente em regiões distintas de Portugal: ilha da Madeira e Bragança, no nordeste peninsular. Tal como Oushiro (2015), parte-se do critério sociodemográfico –o de ter nascido e residir no Funchal, por um lado, e em Bragança, por outro– para examinar o modo como os falantes pertencentes a unidades geográfica e socioculturalmente distintas avaliam as construções existenciais, em particular a variante com *ter,* considerada não-padrão em PE, em

uso apenas nos territórios insulares de Portugal, nos quais se inclui a ilha da Madeira e a sua capital, o Funchal. Deste modo, é nosso propósito contribuir para a hipótese da existência de uma comunidade de fala insular (do Funchal) distintas de outras comunidades existentes no conjunto dos dialetos do PE (*cf.* Segura 2013), fornecendo argumentos factuais resultantes de processos avaliativos, que apoiam a indexação da variante com *ter* existencial a um lugar e à *madeirensidade* (Rodrigues 2010) do português falado no arquipélago da Madeira.

O artigo está organizado do seguinte modo. Na secção 2: A variação *ter* e *haver* em construções existenciais em variedades madeirenses do PE a seguir, apresenta-se, em síntese, os trabalhos publicados sobre a variação *ter* / *haver* na ilha da Madeira, tanto no plano de análise da produção das duas variantes linguísticas em questão, como no plano da sua avaliação. A secção 3 contempla a descrição do estudo avaliativo realizado, e objeto deste artigo, nos seus aspetos metodológicos (a estrutura do questionário e a configuração da amostra de participantes), os resultados obtidos no inquérito e a sua análise. Por fim, os principais contributos do estudo são sublinhados na secção dedicada às Considerações Finais.

2. A VARIAÇÃO TER E HAVER EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS EM VARIEDADES MADEIRENSES DO PE

Os trabalhos sobre a variação *ter* / *haver* em construções existenciais em variedades madeirenses do PE são recentes. Nesta secção, procuramos fazer uma síntese do conhecimento atual sobre a ocorrência deste fenómeno linguístico variável em comunidades, tanto rurais como urbanas, da ilha da Madeira. Esta síntese organiza-se em torno de dois planos: (i) aquele que fornece dados relativos ao uso das variantes com *ter* e com *haver* provenientes de dados de fala coletados na ilha da Madeira (2.1. Produção) e (ii) aquele que contribui com dados de perceção e avaliação destas variáveis e que resultam de inquéritos aplicados junto de falantes madeirenses (2.2. Avaliação).

2.1. Produção

Os primeiros trabalhos publicados (Carrilho e Pereira 2011, Pereira 2014) provêm da área da dialetologia e recorrem a amostras selecionadas a partir do *CORDIAL-SIN*. Seguem-se os trabalhos de Bazenga (2019, o mais recente), realizados a partir de dados *corpora* oral, nomeadamente o *Corpus Concordância*[2] e o *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF)[3], e a

[2] O *Corpus Concordância*, criado no âmbito do projeto internacional *Estudo Comparado dos Padrões de Concordân-cia em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias*, iniciado em 2008 e da responsabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Brasil e do CLUL, em Portugal, coordenado, por Sílvia Rodrigues Vieira e Maria Antónia Mota, respetivamente, integra atualmente o projeto CORPORAPORT. Este *corpus* tem por objetivo estabelecer padrões variantes de concordância, associando-os a variedades e subvariedades (desde o padrão até outras variedades dialetais), o que contribui para determinar diferentes normas/gramáticas em coexistência e em concorrência em cada espaço geográfico onde se fala português. Em Portugal continental, foram recolhidas 25 gravações em Lisboa/Oeiras, 27 gravações no Cacém, cidade-dormitório vizinha de Lisboa, além de 27 gravações no Funchal, na ilha da Madeira, realizadas por estudantes da Universidade da Madeira sob a coordenação de Aline Bazenga, da mesma universidade. As recolhas na Ilha continuam a ser realizadas, recorrendo à metodologia utilizada no projeto. Entre 2010 e 2014, foram coletadas 70 entrevistas, perfazendo um total aproximado de 40 horas de gravações, transcritas de acordo com um conjunto de normas ortográficas (Bazenga 2014).

investigação realizada por Henriques (2019), no âmbito da sua dissertação de mestrado. Esta dissertação, intitulada *Particularidades morfossintáticas em variedades rurais do português falado na Ilha da Madeira*, inclui um capítulo sobre as construções existenciais com *ter* e haver, cujas ocorrências são retiradas do corpus compilado pela autora e designado como *Corpus do Português Rural da Madeira* (*CPRM*)[4]. O conjunto destes trabalhos dá conta de usos de *ter* existencial atestados no PE, produzidos quase exclusivamente por informantes dos arquipélagos dos Açores e Madeira, como em (1), (2) e (3), a seguir.

CORDIAL-SIN (Carrilho e Pereira 2011)

a. "Porque aqui à nossa frente, *tinha* um alto, tinha um moinho de vento e não via a casa da minha mãe! (PST16)";
b. "Mas *tinha* muitos moinhos por aqui fora. (CLH03)"

Corpus Concordância (Bazenga 2011, 2012, 2019)

a. "lá em baixo no centro onde *tem* um italiano espetacular" (FNC11_HA1);
b. Porque no Continente *tem* as discotecas onde vai toda a gente" (FNC11_HA2)
c. "*tem* bastantes colégios aqui na Madeira" (FNC11_MA3 111-2)
d. "na rua dos ilhéus onde *tem* dez_vinte prédios de apartamentos" (FNC_CH 3.1 102)".

CPRM (Henriques 2019)

a. P'ra ali, pr'uma quinta que *tinha* ali de verduras (–) Era onde é que *havia* o trabalhinho.
b. Ah! Aqui *tem* uma festa que é muito bonita, que é a festa do pero.
c. Vendiam o comer de Portugal, ia para a Espanha porque lá *tinha* necessidade.
d. Ali à parte de cima *tinha* vizinhos que bordava.

Propõe-se a seguir uma síntese mais detalhada dos resultados de dois destes trabalhos mais recentes, ambos publicados em 2019.

2.1.1. Bazenga (2019)

A amostra, neste estudo conduzido segundo os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich *et al.*1968) e da Sociolinguística Variacionista (Labov 1972), é constituída por entrevistas de fala espontânea ou semi-dirigida, com cerca de 30 minutos a 12 informantes

[3] O *Corpus Sociolinguístico do Funchal* (CSF), coordenado por Aline Bazenga (CIERL-UMa e/(CLUL), a decorrer desde 2014, atualmente com cerca de 120 entrevistas, foi compilado na sequência da sua participação no Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, um projeto internacional, iniciado em 2008, e da responsabilidade de duas instituições: o CLUL, Portugal, com a coordenação de Maria Antónia Mota, e a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Brasil, sob a coordenação de Sílvia Figueiredo Brandão. O protocolo para a realização e transcrição das entrevistas sociolinguísticas do CSF segue o que foi estipulado para a organização do *Corpus Concordância* no âmbito do projeto acima referido.

[4] O CPRM (*Corpus* do português rural da Madeira), compilado em Julho de 2019 por Yoselin Henriques para o seu projeto de dissertação de mestrado, engloba, para além de entrevistas sociolinguísticas, realizadas em localidades rurais da Ilha da Madeira, gravações de conversas espontâneas em família. Adotando o protocolo do *corpus* COSER (Corpus Oral y Sonoro del Español Rural), um projeto a decorrer desde 1999 sob a coordenação de por Inés Fernández-Ordoñez, a seleção dos informantes, com idade superior a 54 anos e naturais do local do inquérito, decorre de modo aleatório (*cf.* Fernández-Ordoñez e Pato 2020).

madeirenses, residentes na cidade do Funchal, estratificados em função da *faixa etária* (2 por cada uma das três seguintes:18-25 anos, 36-55 anos, 56-75 anos), *sexo* (3 homens e 3 mulheres) e *nível de escolaridade* (6 por cada uma das seguintes variáveis: analfabetos ou escolaridade básica –ou nível 1– e licenciados –nível 3). O material foi selecionado a partir do *Corpus Concordância* e do *CSF*, que contêm dados coletados entre 2010-2014. Nesta amostra, foram observadas 405 ocorrências de *ter* e *haver*, codificadas em função das variáveis sociais (*faixa etária*, *género* e *nível de escolaridade*) e linguísticas (*tempo verbal, traço semântico de N,* argumento interno). Os resultados globais (Tabela 1) mostram, em termos de percentagens, uma maior produtividade da variante-padrão no PE, com o verbo *haver* (69%); já o uso da variável não-padrão, com o verbo *ter,* corresponde a 31% dos casos.

	Fatores	***Percentagens***		***Ocorrências***	
		ter	*haver*	*ter*	*haver*
Externos	*Sexo*				
	• *Homem*	*31,4*	*68,6*	*61/194*	*133/194*
	• *Mulher*	*30,8*	*69,2*	*65/211*	*146/2151*
	Faixa etária				
	• *(18-35)*	*38,.4*	*61,6*	*28/73*	*45/73*
	• *(36-55)*	*35,6*	*64,4*	*36/101*	*65/101*
	• *(56-75)*	*26,8*	*73,2*	*62/231*	*169/231*
	Escolaridade				
	• *Nível 1*	*44*	*56*	*106/241*	*135/241*
	• *Nível 3*	*12.2*	*87.8*	*20/164*	*144/164*
Internos	*Tempo verbal*				
	• *Presente*	*41,4*	*58,6*	*99/239*	*140/239*
	• *Imperfeito*	*16,3*	*83,7*	*27/166*	*139/166*
	Traço Semântico [animado] de N pós-verbal				
	• *[+animado]*	*49,4*	*50,6*	*40/81*	*41/81*
	• *[-animado]*	*26,5*	*73,5*	*86/324*	*238/324*

Tabela 1. Fatores externos e internos relevantes (pesos relativos) em construções existenciais com ter e haver numa amostra de 12 informantes na variedade insular (Funchal) do PE.
Fonte: Bazenga (2019: 198)

Relativamente aos condicionamentos de tipo social, observa-se que tanto a *faixa etária* como o *nível de escolaridade* condicionam a aplicação da regra variável; são os informantes mais jovens (18-35 anos), com 38,4%, e menos escolarizados (44%) os que mais utilizam a variante não-padrão com *ter.* Por outro lado, em 41,4 % das ocorrências de *ter* o verbo encontra-se no presente indicativo. Em 16,3%, apresenta-se no pretérito imperfeito, em contraste com o verbo *haver* que neste tempo verbal ocorre em 83,7% dos casos. Considerando o traço

semântico de N, os resultados apontam para a relevância desta variável, sobretudo no que se refere ao traço [-animado], que coocorre preferencialmente com o verbo *haver* (com 73,5% dos dados). Por fim, é de salientar, em conformidade com os resultados percentuais, que todas as variáveis foram selecionadas pelo programa Goldvarb X como sendo estatisticamente significativas (Tabela 2).

	Fatores	**Pesos Relativos**
Externos	*Faixa etária*	
	• Faixa A (18-35)	0.594
	• Faixa B (36-55)	0.582
	• Faixa C (56-75)	0.434
	Escolaridade	
	• Nível 1	0.664
	• Nível 3	0.269
Internos	*Tempo verbal*	
	• Presente	0.616
	• Imperfeito	0.336
	Traço semântico [animado] de N pós-verbal	
	• [+animado]	0.467
	• [-animado]	0.630

Tabela 2. Variáveis significativas selecionadas pelo Goldavarb X e os respetivos pesos relativos. Fonte: Bazenga (2019: 199)

Quando se procura analisar o comportamento dos falantes do Funchal menos escolarizados, constata-se que são os jovens e do sexo masculino aqueles que mais produzem estruturas com *ter* existencial, com valores percentuais a atingirem os 65% (Gráfico 1) e 57% (Gráfico 2), respetivamente.

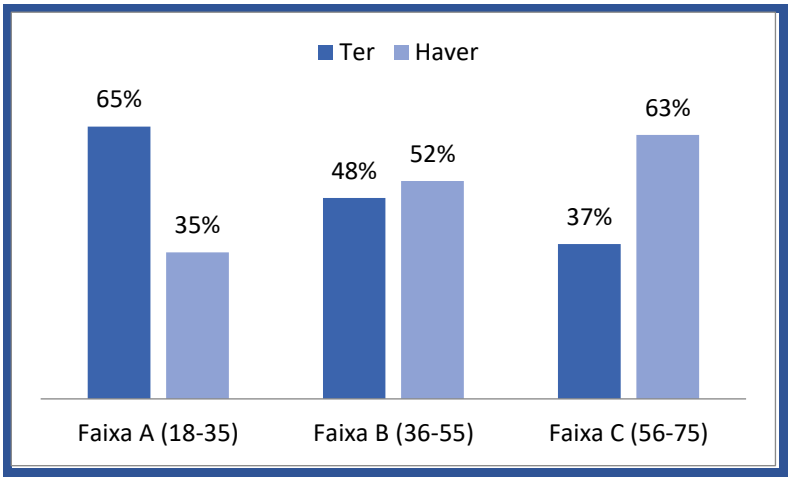

Gráfico 1. Construções existenciais com *ter* e *haver* na variedade insular (Funchal) do PE. Correlação dos fatores *escolaridade* (nível 1 de escolaridade) e *faixa etária* dos informantes. Fonte: Bazenga (2019: 201)

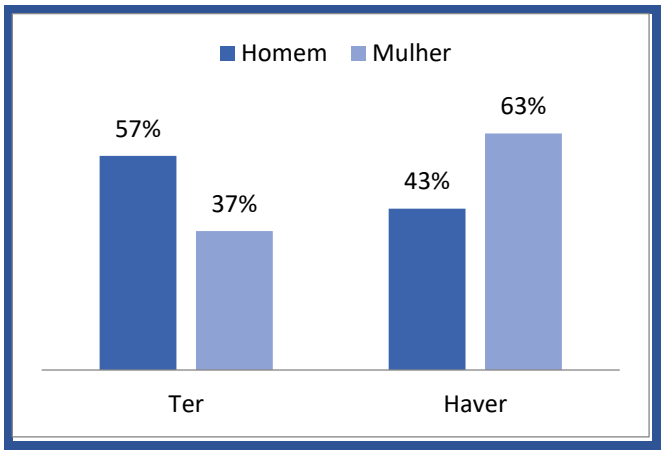

Gráfico 2. Construções existenciais com *ter* e *haver* na variedade insular (Funchal) do PE. Correlação dos fatores *escolaridade* (nível 1 de escolaridade) e *sexo* dos informantes. Fonte: Bazenga (2019: 201)

Observa-se, assim, que a variedade popular do PE falado no Funchal, à qual estão associados os falantes menos escolarizados ou analfabetos, se aproxima do PB popular, quando se tem em conta o fator *faixa etária* dos informantes. Ambas variedades exibem uma mesma tendência, embora com valores distintos: os jovens são aqueles que maioritariamente produzem a variante *ter* existencial, sendo este fenómeno mais expressivo no PB (98% no estudo realizado por Avelar e Callou (2007)).

2.1.2. Henriques (2019)

Este trabalho inclui resultados de usos de *ter* existencial, a partir de uma amostra de dados de fala, selecionada a partir do *CPRM*, constituído por entrevistas a 11 madeirenses, 9 do sexo

feminino e 2 do sexo masculino, todos com idade superior a 54 anos, naturais do local de residência na ilha da Madeira, e com a 4ª classe (1º ciclo do ensino Básico). Num total de 545 ocorrências, 45% correspondem ao verbo *ter* e 55% ao verbo *haver.* A Tabela 3. permite observar a distribuição das ocorrências das duas variantes pelo tempo verbal em que se encontra *ter* e *haver* (Presente, Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo).

	Presente do Ind.		*Pretérito Perfeito do Ind.*		*Pretérito Imperfeito do Ind.*	
	Oc/ total	%	Oc. /total	%	Oc. / Total	%
ter	95/157	60,5%	14/30	46,7%	129/331	39%
haver	62/157	39,5%	16/30	53,3%	202/331	61%

Tabela 3. Frequências de *ter* e *haver* segundo o tempo verbal.
Fonte: Henriques (2019: 31)

Cruzando os fatores sociais, *faixa etária* (> a 50 anos) e *nível de escolaridade* (básico), podemos constatar que a percentagem de construções existenciais com *ter* (45%) supera a obtida na análise de Bazenga (2019: 201) para informantes urbanos com o mesmo perfil em termos de idade e fraco nível de escolaridade (37%) (*cf.* Gráfico 1), o que parece indicar que a frequência de usos da variante não-padrão por falantes madeirenses aumenta consoante a ruralidade e uma menor diversidade de contactos a ela associada.

Apesar da escassa existência de estudos que analisam a produção de variantes com *ter* e *haver* em construções existenciais nas variedades europeias e africanas, estes dois estudos confirmam que este fenómeno não está apenas confinado à variedade do PB, sendo também observado em variedades do PE. Ainda que seja prematuro fazer generalizações, os resultados dos dois estudos sobre a variedade insular do PE apontam para o facto de que a variante não-padrão *ter* existencial –ainda que de forma menos expressiva do que em variedades do PB– permanece muito produtiva, estando incluída na gramática da modalidade oral de falantes pouco escolarizados, mais idosos, quando se trata de regiões rurais da ilha, e de jovens urbanos.

Nestas variedades insulares do PE, poderíamos estar a assistir a duas tendências simultâneas: por um lado, (i) uma tendência inovadora que se manifesta nos falantes mais jovens, residentes da capital (Bazenga 2019), e, por outro, (ii) uma tendência conservadora, e que se observa em falantes idosos rurais. O facto de o comportamento linguístico de falantes rurais divergir do de falantes urbanos deve-se, em nossa entender, a configurações também elas distintas associadas às sociedades rurais e urbanas. As comunidades urbanas, contrariamente às rurais, são caracterizadas por uma maior diversidade demográfica de falantes, maior mobilidade e contactos sociais que tendem a favorecer processos de variação e mudança linguística.

As regiões insulares, tal como o arquipélago da Madeira, rapidamente se transformaram em espaços multilingues, situação que já caracterizava o Brasil à chegada dos portugueses.

Carvalho (2014) documenta ocorrências do verbo *ter* como verbo existencial no português falado no início do século XV, altura em que se dá o início do povoamento do arquipélago da Madeira, o que apoia a hipótese de se tratar de uma herança linguística, localmente conservada, quando reunidas as condições de natureza sociodemográfica, geográfica e política. A gramática de alguns falantes madeirenses inclui a variante *ter* existencial, que remete para uma situação histórica anterior à mudança ocorrida no PE peninsular, conducente à fixação do verbo *haver* como verbo existencial canónico e categórico do PE, pelo menos na sua variedade de referência. Por outro lado, outros falantes, que se movimentam em espaços urbanos, como o do Funchal, onde a situação de contacto linguístico, étnico e cultural é historicamente intensa desde os primórdios da sua edificação, apresentam uma outra configuração na sua gramática de usos. Um conjunto complexo de fatores terá contribuído, de forma decisiva para o desenvolvimento de formas de uso linguístico, tal como acontece com a variante não-padrão com *ter* existencial, distintas das que foram emergindo no espaço europeu e peninsular.

2.2. Perceção e avaliação

Nesta secção, dedicada à revisão de publicações de trabalhos realizados no âmbito do PE insular, sob o ângulo da avaliação por parte de falantes madeirenses serão contemplados os principais resultados dos trabalhos de Andrade (2014) e de Nunes (2019).

2.2.1. Andrade (2014)

Na sua dissertação de mestrado, intitulada *Crenças, Perceções e Atitudes Linguísticas de Falantes Madeirenses*, Catarina Andrade procedeu à elaboração de um questionário e à sua aplicação em várias localidades da ilha da Madeira. Para além de conter questões sobre a autoavaliação das variedades faladas e a avaliação pelos inquiridos das variedades geográficas do português, em termos de *agradabilidade, inteligibilidade e diferença*, o questionário apresenta um conjunto de seis questões (secção C) no intuito de compreender de que forma são avaliadas as variantes padrão e não-padrão de alguns fenómenos morfossintáticos variáveis, reconheci-damente em uso na ilha da Madeira. A maioria das perguntas (à exceção da secção A) prevê respostas alinhadas numa escala de *Likert* de um a cinco. Neste sistema escalar, o nível um representa a resposta mais negativa, o nível três, a imparcialidade (ou neutro) e o nível cinco, a resposta mais positiva, consoante o atributo (*agradável*, *correto*, etc.) indicado. Participaram neste estudo 126 inquiridos, distribuídos por 7 localidades da ilha da Madeira (18 por localidade). Na análise, as avaliações foram correlacionadas com os perfis sociais dos participantes madeirenses, em termos de *sexo*, *idade, nível de escolaridade* e *localização* (local de residência). Uma das questões incluída na secção C solicita a avaliação de uma construção existencial não-padrão, com o verbo *ter*. Apresenta-se, no Gráfico 3, os resultados obtidos quando se tem em consideração *nível de escolaridade* dos participantes.

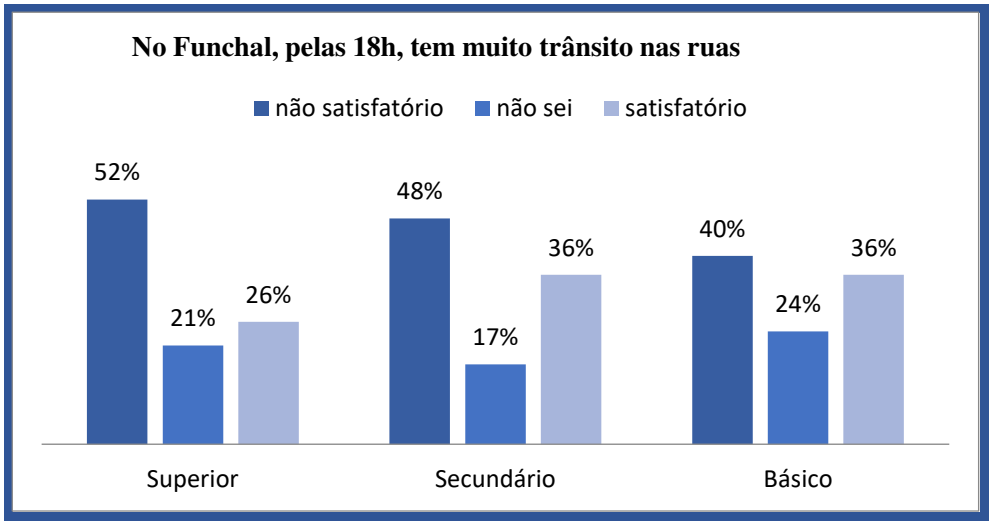

Gráfico 3. Avaliação de construção com *ter* impessoal (fator *nível de escolaridade*)
Fonte: Andrade (2014: 173)

Estes resultados permitem observar que a aceitabilidade da construção com *ter,* em termos de *correção*, aumenta quanto menor for o nível de escolaridade dos participantes madeirenses, com 36% de avaliações favoráveis por parte de falantes com o ensino Básico; inversamente, um maior contacto com a norma e com a construção existencial de referencia realizada com *haver,* através de um ciclo de estudos mais longo, faz diminuir o nível de aceitabilidade da variante em questão, uma vez que é rejeitada por 52% dos participantes com estudos superiores.

2.2.2. Nunes (2019)

O estudo de Nunes (2019), realizado no âmbito do seminário de Sociolinguística do mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, teve por objeto testar a avaliação da variação *ter* / *haver*, junto de falantes madeirenses jovens. O questionário, composto de 19 questões, foi aplicado aleatoriamente a falantes madeirenses maioritariamente do Funchal. Foi constituída uma amostra de 25 participantes jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, a maioria diplomados do ensino superior (16/25) e residentes no Funchal (13/25).

São apresentados, a seguir, alguns dos resultados obtidos, sobretudo aqueles em que está em causa a avaliação da variante não-padrão, com o verbo *ter.* Quando questionados se estão familiarizados com uma construção semelhante a do exemplo "Lembrei-me que tinha uma loja de tecidos nesta rua", 83,33% dos participantes afirmou ouvir com frequência frases deste tipo; à pergunta se reconhecem a frase "Sempre tem quem não concorde" como sendo de uso habitual no Arquipélago da Madeira, 70,83% afirmou ouvir frases deste género um pouco por toda a ilha. A mesma tendência, traduzida por "elevado grau de familiaridade / aceitabilidade", é observada na avaliação feita às frases "Se não tiver voluntários suficientes no Funchal, vamos nos dividir por turnos" e "Descobri que tinha umas piscinas naturais não pagas no Porto Moniz", com 84% e 88%, respetivamente, de respostas positivas.

Apesar de se tratar de uma variante familiar, os falantes consideram, na sua maioria (60%), incorreto o exemplo dado "No continente tem muitas discotecas". Quando questionados se

costumam utilizar no seu dia-a-dia o verbo *ter* de forma equivalente a "Na fazenda tem feijão e couves", apenas 12% dos participantes afirma nunca utilizar uma frase deste tipo; nesta questão, predominam as respostas afirmativas, de uso mais ou menos frequente: "Sim, com muita frequência" (24%), "Sim, por vezes" (36%) e "Raramente" (28%).

No eixo avaliativo (naturalidade vs estranheza), apresentam-se a seguir as avaliações dadas a uma série de outros exemplos fornecidos de construções com o verbo *ter* (Gráfico 4).

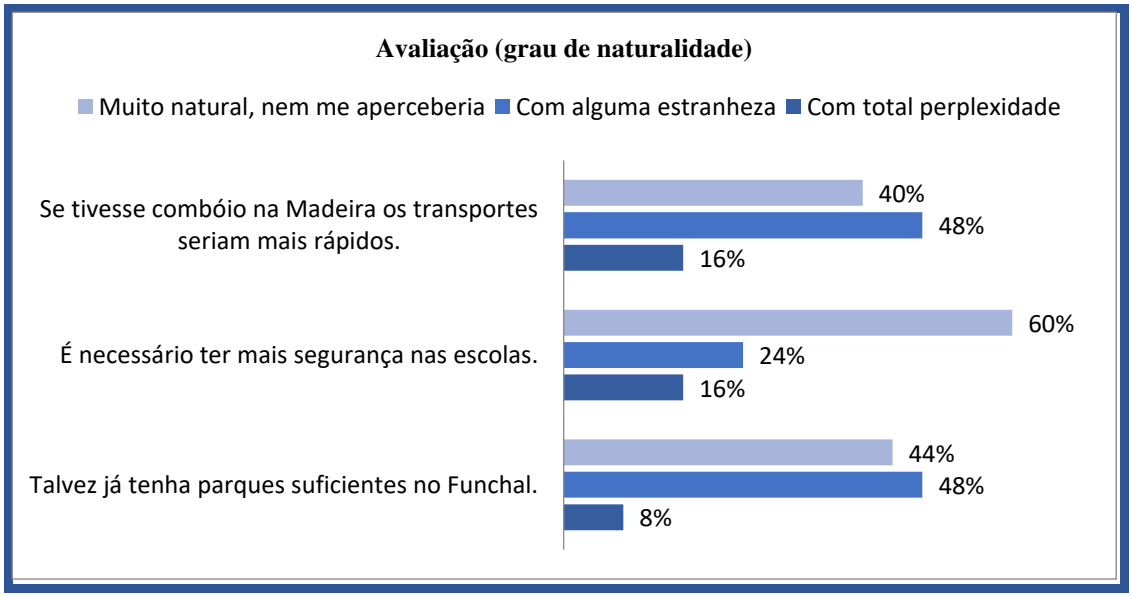

Gráfico 4. Avaliação da variante *ter* existencial 25 falantes madeirenses.
Fonte: Elaboração própria a partir de Andrade (2014).

O verbo *ter* apresenta nas três frases diferentes formas morfológicas. Esta variação na informação morfológica (TMA) do verbo parece condicionar as avaliações feitas pelos falantes madeirenses. Dos três exemplos, aquele em que o verbo se encontra no infinitivo é visto como como mais natural por 60% dos participantes.

Este estudo procurou observar o comportamento subjetivo dos falantes jovens e urbanos relativamente ao uso da variante ter existencial uma vez que são os madeirenses com este perfil e menos escolarizados aqueles que mais produzem esta variante. Os dados obtidos permitem aferir uma tendência acentuada para a sua aceitabilidade, mesmo por participantes com estudos superiores.

3. AS AVALIAÇÕES DA VARIAÇÃO TER /HAVER EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS POR FALANTES CULTOS EM DUAS VARIEDADES DO PE: FUNCHAL (PORTUGAL INSULAR) E BRAGANÇA (PORTUGAL CONTINENTAL)

A literatura sumariamente revista na secção 2 mostra que a investigação recente sobre a variação das construções existenciais no PE aponta para a aceitabilidade e uso da variante com

ter na região da ilha da Madeira. Nesta secção, apresenta-se o estudo realizado em 2020, junto de participantes licenciados de duas localidades de Portugal de modo a perceber (i) se a tendência para aceitabilidade da variante em questão, sobretudo quando o verbo se encontra no Presente do Indicativo, persiste junto de madeirenses cultos e (ii) se existem ou não divergências, quando se comparam as avaliações destes madeirenses com as de outros falantes cultos continentais do PE.

3.1. Amostra

Numa primeira instância, estabeleceu-se como o público-alvo do estudo indivíduos com ensino superior, naturais e residentes em duas localidades de Portugal: na cidade Bragança, capital do distrito de Bragança, situado em Trás-os-Montes, no Nordeste de Portugal continental, com cerca de 22.000 habitantes, e na cidade do Funchal, localizada na ilha da Madeira, com cerca 111 892 habitantes (Figura 1).

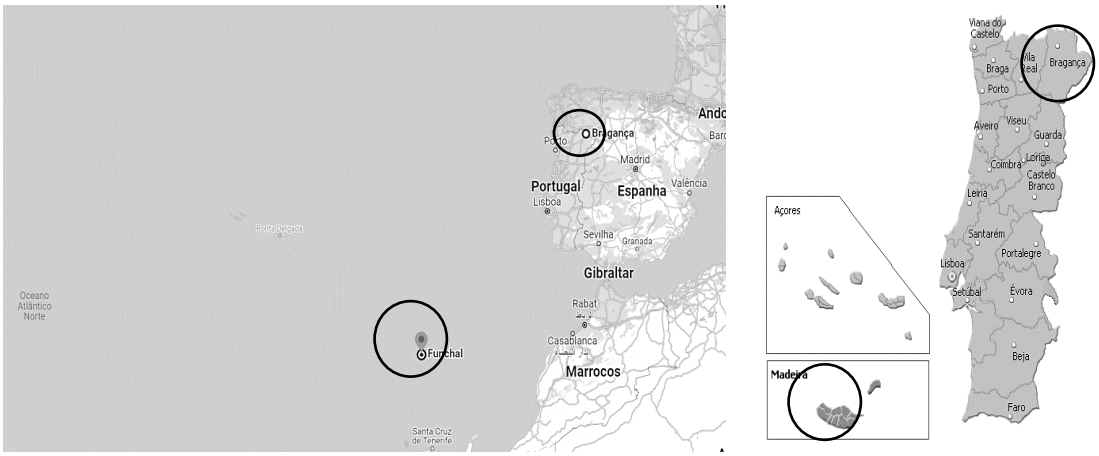

Figura 1. Localização de Bragança e do Funchal. Fonte: Google *maps*

Estas duas localidades inserem-se em duas regiões dialetais distintas do PE: Bragança, nos dialetos transmontanos e minhotos integra o *grupo de dialetos portugueses setentrionais* e o Funchal, no arquipélago da Madeira faz parte do *grupo de dialetos portugueses insulares* (Figura 2).

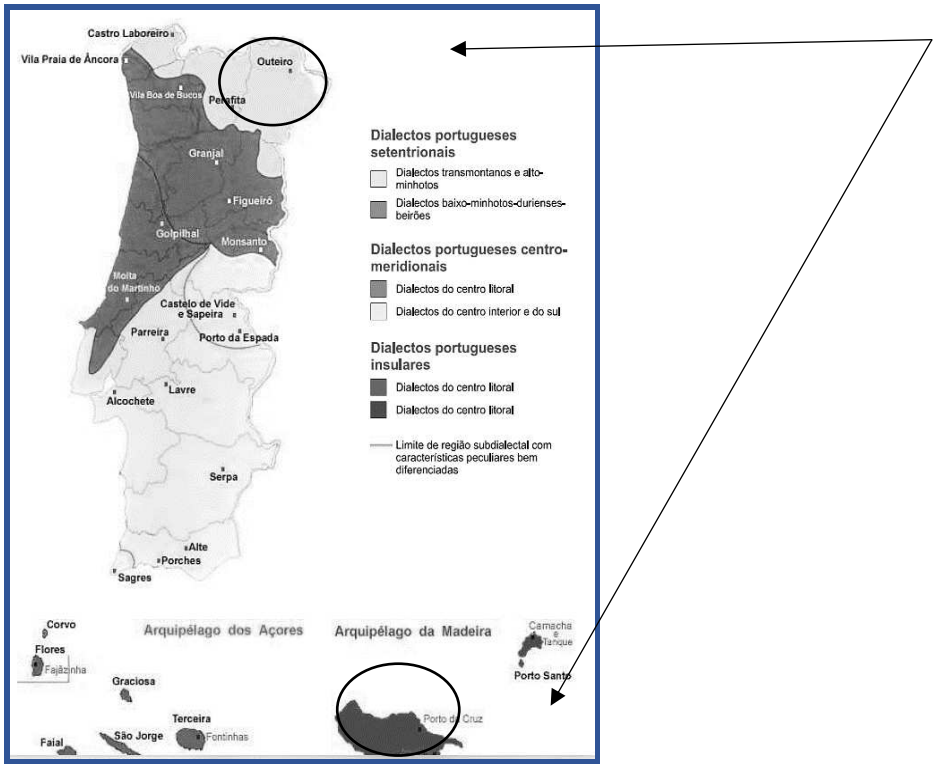

Figura 2. Classificação dos dialetos portugueses
Fonte: Instituto Camões
http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html

Aquando da aplicação do questionário, obtiveram-se 100 respostas por parte de falantes residentes em Bragança e pouco mais de 50 de participantes madeirenses do Funchal. A partir destes dados e de modo a constituir uma amostra mais equilibrada, foram selecionados 37 participantes de Bragança e 37 participantes do Funchal, num total de 74 (Tabela 4).

Faixa etária	Bragança		Funchal		Total
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
18-35	8	12	10	15	45
36-55	10	7	7	5	29
Total	18	19	17	20	74

Tabela 4. Amostra estratificada dos 74 participantes no inquérito.
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2021).

A amostra de 74 participantes, todos com estudos superiores completos, está estratificada por *género, faixa etária* e *localidade*. Na subamostra de Bragança, 8 homens e 12 mulheres, num total de 20 inquiridos pertencem à faixa etária A (18-35 anos) e 17, dos quais 10 homens e 7 mulheres, à faixa etária B (36-55 anos); já na subamostra do Funchal, observa-se a seguinte distribuição: 25 participantes na faixa etária A (18-35 anos), 10 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, e 12 na faixa etária B (36-55 anos), dos quais 7 do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

3.2. Questionário

A investigação em avaliação e atitudes linguísticas (Garrett 2010) recorre a dois tipos de método: o método de medição direta, ou seja, aquele em que os investigadores pedem aos inquiridos para se pronunciarem sobre fenémenos linguísticos, através de entrevistas, de inquéritos ou de questionários; neste tipo de método, contrariamente ao método indireto ou *matched-guise* (Lambert *et al*. 1960), o falante tem consciência de que as suas opiniões estão a ser avaliadas (Pharao e Kristiansen 2019).

Este estudo recorre ao primeiro tipo, utilizando para tal, um questionário, estruturado em duas partes: na primeira, procura-se obter dados relativos ao Perfil Sociolinguístico dos participantes, tais como a idade, a naturalidade/local de residência, o género e o grau de escolaridade (Ensino Superior); na segunda parte, pretende-se obter dados sobre o grau de aceitabilidade em relação a um conjunto de 18 frases, indicadas em (4):

4. a. *Tem* muitas pessoas no parque a esta hora, não tem?
   a'. *Há* muitas pessoas no parque a esta hora, não há?

   b. Olha, na horta *tem* couves?
   b'. Olha, na horta *há* couves?

   c. Agora, *tem* desinfetante em tudo o que é sítio.
   c'. Agora, *há* desinfetante em tudo o que é sítio.

   d. Descobri que *tinha* umas piscinas naturais não pagas no Porto Moniz.
   d'. Descobri que que *havia* umas piscinas naturais não pagas no Porto Moniz.

   e. Antes *tinha* turistas a mais, agora na ilha tem turistas a menos.
   e'. Antes *havia* turistas a mais, agora na ilha há turistas a menos

   f. Lembrei-me que *tinha* uma loja de tecidos nesta rua!
   f'. Lembrei-me que *havia* uma loja de tecidos nesta rua!

   g. *Teve* uma festa que acabou porque a polícia chegou.
   g'. *Houve* uma festa que acabou porque a polícia chegou.

   h. Sempre *teve* gente que só vinha ao mercado para passear.
   h'. Sempre *houve* gente que só vinha ao mercado para passear.

As frases dadas em (4) correspondem a 9 pares: nos primeiros 3 pares as duas variantes verbais com os verbos *ter* e *haver* encontram-se no Presente do Indicativo (de 4a. a 4c'.); os 3 pares seguintes contêm formas verbais de *ter* e *haver* no Pretérito Imperfeito (4d. a 4f'.); nos restantes 3 os verbos *ter* e *haver* estão no Pretérito Perfeito (1g. a 1h'.). Em cada um destes 3

subgrupos, procurou-se variar a posição da forma verbal, entre a posição inicial (como em 4a. e 4a´.) e a posição mediana (em 4b. e 4b'), por exemplo. As frases encontram-se distribuídas de forma aleatória, para que os participantes não notassem de imediato o seu emparelhamento. Com estes estímulos, procurou-se verificar se realmente eram observadas diferenças na avaliação das variantes com *ter* e *haver* em construções impessoais de interpretação existencial por falantes oriundos das duas localidades. Para tal, os participantes tiveram de classificar as frases de acordo com uma escala de *Likert* (1 a 5), em que 1 correspondia a *pouco natural* e 5 a *muito natural*. Os questionários foram elaborados através da plataforma *Google Forms* e distribuídos em modo digital (via email e redes sociais), durante os meses de outubro e novembro de 2020.

3.3. Resultados

Os resultados globais apontam para uma tendência para a aceitação das frases com *ter* por parte dos participantes madeirenses, em contraste com uma menor aceitação pelos participantes de Bragança.

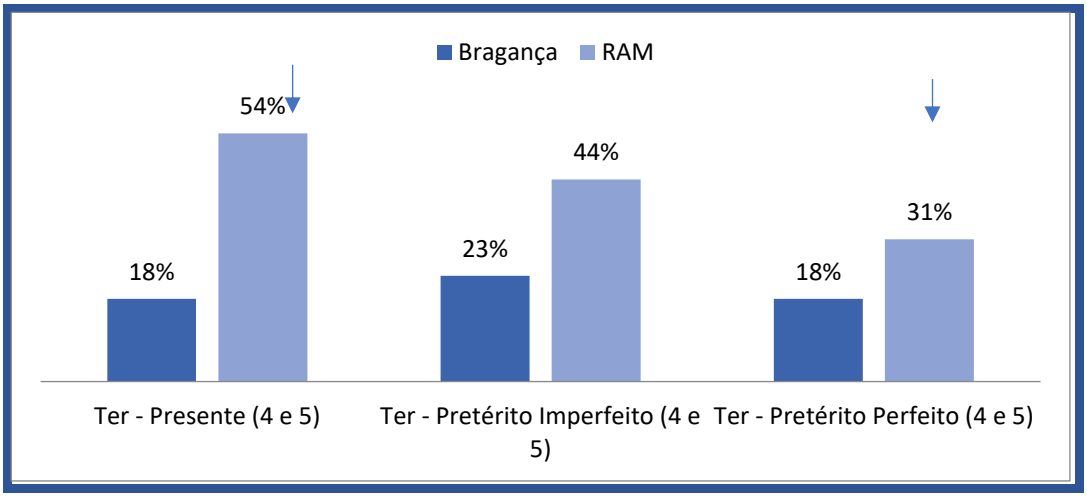

Gráfico 5. Valores para a avaliação positiva (4 e 5 da escala de *Likert*) das construções com *ter* existencial e a sua distribuição por tempo verbal pelos participantes das duas localidades (Bragança e Funchal)
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2020)

O Gráfico 5, acima, comprova a hipótese inicial de que na Região Autónoma da Madeira (RAM) os falantes do PE insular mostram uma tendência para a avaliação positiva da variante não-padrão com *ter* existencial, ao contrário dos falantes do PE continental, residentes e oriundos de Bragança, que tendem a não avaliar positivamente esta variante. É de notar que os falantes cultos madeirenses são sensíveis à informação morfológica do verbo *ter*. O nível da aceitação não é constante, sendo superior a 50% (54%) quando o verbo se encontra no Presente do Indicativo. Este valor de aprovação decresce quando *ter* se encontra no Pretérito Imperfeito do Indicativo e no Pretérito Perfeito do Indicativo para 44% e 31%. É de assinalar também que a divergência nas respostas dadas pelos inquiridos licenciados das duas localidades diminui conforme o tempo verbal em que se encontra o verbo. Esta divergência é mais acentuada

quando o verbo está no Presente do Indicativo; já quando o verbo se encontra no Pretérito Perfeito as avaliações, em termos de aceitabilidade, os dois grupos de falantes aproximam-se, reduzindo-se, assim, a diferença entre eles.

No Gráfico 6, é possível observar mais detalhadamente as percentagens de aprovação / aceitabilidade relativamente a 8 frases, todas exemplos da variante não-padrão com o verbo *ter,* mas em que este se encontra num dos três tempos verbais acima referidos.

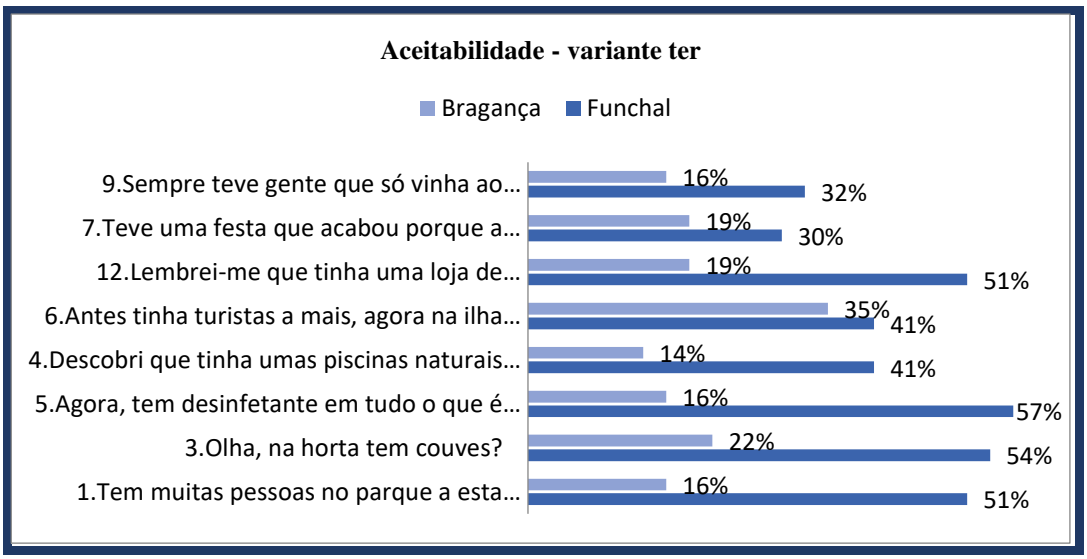

Gráfico 6. Resultados globais da avaliação de construções com o *ter* existencial por participantes do Funchal e de Bragança
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2020)

Os Gráficos 7 e 8, a seguir, dão conta dos valores obtidos, em termos de percentagens, de três frases com o verbo *ter* no Presente do Indicativo, junto dos dois grupos de inquiridos, do Funchal e de Bragança, respetivamente.

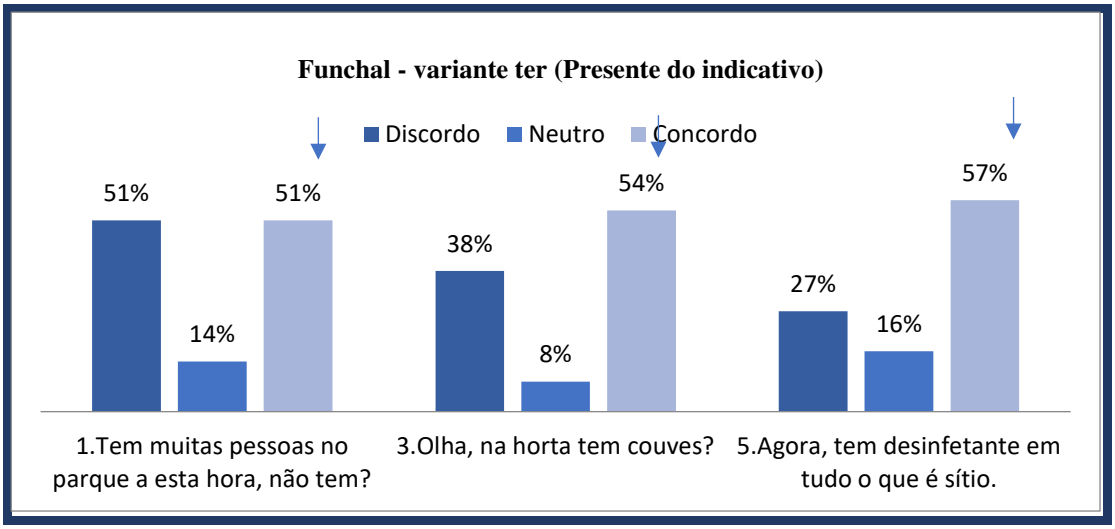

Gráfico 7. Resultados da avaliação de construções com o *ter* existencial (Presente do Indicativo) por participantes madeirenses
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2020)

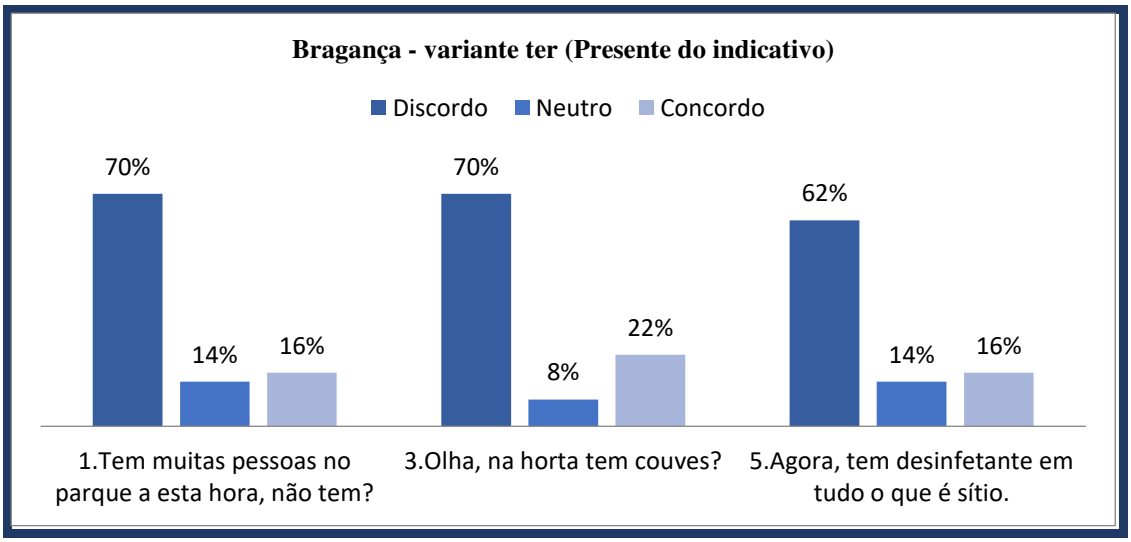

Gráfico 8. Resultados da avaliação de construções com o *ter* existencial (Presente do Indicativo) por participantes de Bragança
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2020)

Fica patente a divergência dos dois grupos de falantes na sua apreciação das frases em que *ter* se encontra no Presente do Indicativo. Esta oposição é mais acentuada nas frases 3 e 5, observando-se uma quase simetria nos valores de aceitação. Por exemplo, a frase 5 que colheu a maior percentagem de aceitação (57%) junto dos participantes madeirenses é apenas aceite por apenas 16% dos participantes de Bragança; inversamente, a mesma frase colhe níveis de discordância de 62% neste grupo e apenas de 27% no grupo do Funchal.

Os Gráficos 9 e 10, abaixo indicados, apresentam os resultados de avaliação positiva nos dois grupos de participantes cultos, atendendo à sua distribuição por duas faixas etárias.

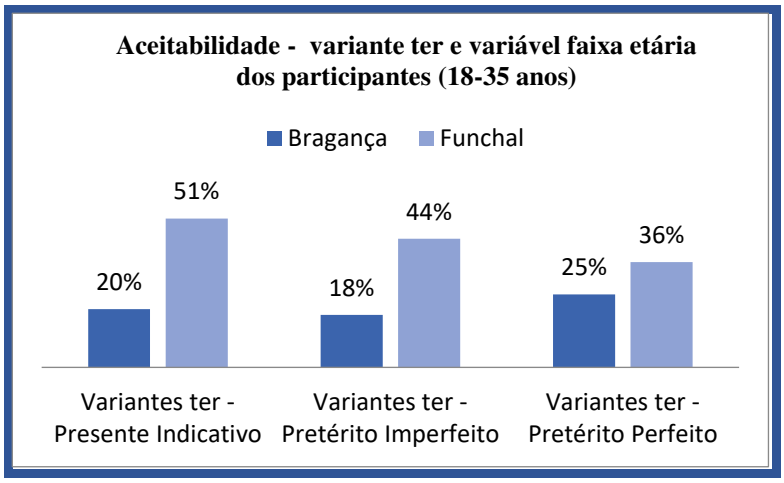

Gráfico 9. Resultados globais da avaliação de construções com o *ter* existencial por participantes jovens (faixa etária A 18-35 anos) do Funchal e de Bragança
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2020)

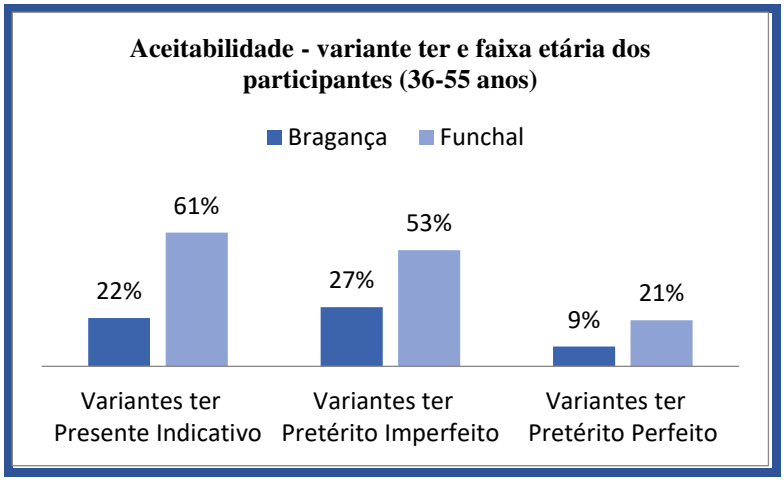

Gráfico 10. Resultados globais da avaliação de construções com o *ter* existencial por participantes da faixa etária B (36-55anos) do Funchal e de Bragança.
Fonte: Elaboração própria a partir de Afonso e Margalho (2020)

É de registar o facto de não se observarem diferenças percentuais significativas nas avaliações positivas dos exemplos em que o verbo com interpretação existencial é *ter,* variante não-padrão em PE, realizadas pelos participantes das faixas etárias A e B do Funchal. Em ambos os subgrupos de madeirenses, constata-se a mesma tendência: quando o verbo *ter* se encontra no Pretérito Perfeito a frase regista menor aprovação, mais significativa ainda junto

dos participantes mais velhos, da faixa etária B (21%). Este contexto linguístico é também aquele que colhe menor percentagem de aprovação no grupo dos participantes da mesma faixa etária de Bragança (9%).

Assim, é notório que o tempo verbal em que se encontra o verbo *ter* em construções existenciais condiciona as avaliações dos falantes do PE, e de maneira mais significativa, as daqueles que residem no Funchal, capital da ilha da Madeira, região onde a produção de variantes deste tipo ainda está ativa. A avaliação das construções existenciais padrão, com o verbo *haver* não está sujeita a este tipo de condicionamento: a sua aprovação mantém-se constante, com valores que se situam entre os 80 % e os 97%, independentemente do tempo verbal em que este se encontre, e pelos inquiridos das duas localidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desde estudo confirmam as hipóteses iniciais, sustentadas na literatura sobre este fenómeno variável em variedades do PE, sobretudo insulares (ilha da Madeira), apresentadas sumariamente na secção 2. No campo de estudos sobre a avaliação, podemos observar uma maior aceitabilidade por parte de participantes madeirenses da variante não-padrão da construção existencial com *ter.* Este facto confirma a tendência observada no estudo de Andrade (2014), com participantes de várias localidades da ilha da Madeira e no de Nunes (2019), cujo inquérito teve como público-alvo jovens madeirenses, residentes no Funchal, na sua maioria licenciados. Esta construção com *ter* não é, por isso, estranha para os falantes cultos madeirenses, que se destacam, neste aspeto, dos falantes do PE residentes em Bragança. Estes participantes, ao contrário dos madeirenses, embora partilhem o mesmo nível de escolaridade, possuindo uma formação completa do ensino superior, caracterizam-se por rejeitarem de forma significativa a variante não-padrão com *ter* existencial.

Por outro lado, os falantes de Bragança não se mostram sensíveis à variação do tempo verbal nas construções com *ter* existencial: as suas avaliações negativas são constantes, independen-temente deste fator estrutural. O mesmo não acontece, com os falantes madeirenses, para quem a construção com o verbo *ter* no Pretérito Perfeito é menos aceitável.

Atendendo apenas aos resultados em termos de percentagem, expressos na secção 3, podemos concluir dois factos: a relevância do fator *localidade* e da variável *ser natural e residente na ilha da Madeira,* por um lado, e o fator estrutural *tempo verbal* e da variável *Presente do Indicativo* no verbo *ter*, por outro. A correlação destes dois fatores conduz a uma maior probabilidade de aceitação da variável dependente *ter* existencial. É possível aferir a hipótese de que da gramática dos falantes madeirenses do PE, mesmo daqueles que têm um contacto mais prolongado com a norma por terem concluído estudos do ensino superior, faz parte não só a variante existencial padrão com o verbo *haver,* categórica nas gramáticas de outras variedades do PE, como também a variante não-padrão com *ter*, sendo este fenómeno linguístico sujeito a uma regra variável. No entanto, esta hipótese terá de ser objeto de uma análise estatística mais robusta para que seja validada.

Para além da necessidade de se proceder a um aprofundamento da análise quantitativa, outras questões merecem também ser examinadas com mais detalhe, por exemplo, as que estão relacionadas com as propriedades semânticas estruturais dos constituintes nominais (SN) em copresença com *ter* e *haver* e os seus efeitos sobre as construções.

Por fim, cabe realçar a importância de prosseguir com o estudo deste fenómeno variável noutras variedades do português, nomeadamente as variedades africanas, para que seja possível estabelecer comparações robustas entre elas. Neste sentido, deve-se procurar recorrer, no plano metodológico, a protocolos de investigação similares. Esta comparação intra e inter-variedades deverá contribuir para uma melhor compreensão deste fenómeno, e percebermos se estamos em presença ou não de vários tipos de variantes de *ter* existencial, cuja diferença advém da sua integração em gramáticas distintas, resultantes de diversas socio-histórias de contacto linguístico. Se tal for o caso, a descrição das propriedades estruturais que as distinguem e as que são convergentes é também uma tarefa necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, Alexandre e Beatriz Margalho. 2021. A avaliação de construções existenciais por falantes cultos do Português Europeu (Bragança e Funchal), Trabalho de *Seminário de sociolinguística. Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas*, Funchal, Universidade da Madeira. Inédito.

Albarracin, Dolores e Sharon Shavitt. 2018. Attitudes and attitude change, em *Annual Review of Psychology*, 69: 299-327.

Andrade, Catarina. 2014. *Crenças, perceção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses*, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira, Funchal. [em linha] Disponível em: https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/723

Avelar, Juanito e Dinah Callou. 2007. Gramática e variação no português brasileiro, considerações sobre 'ter' ~ 'haver' e 'de' ~ 'em', em *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Textos Seleccionados,* Lisboa, APL: 183-197.

Bazenga, Aline. 2012. Non-dominant TER - Existential (to have) in Spoken European Portuguese of Funchal (Madeira Island). Comunicação apresentada na *II International Conference of WGNV – Exploring Linguistic Standards in Non-dominating varieties,* 12 de julho de 2012, Universidad de Salamanca, Espanha. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273203401_Non-dominat_TER_-Existential_to_have_in_Spoken_European_Portuguese_of_Funchal_Madeira_Island

Bazenga, Aline. 2014. Corpus of Madeira Island, a Spoken Variety of European Portuguese. Comunicação apresentada no *CILC06, 6th International Conference on Corpus Linguistic,* ULPGC, Las Palmas, Espanha, 22-24 maio 2014. https,//www.researchgate.net/publication/273203396_Corpus_of_Madeira_island_A_Spoken_Variety_of_European_Portuguese_Linguistic_Universidad_de_Las_Palmas_de_Gran_Canaria_Spain_May_2014

Bazenga, Aline. 2019. A variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal), em Ernestina Carrilho, Ana Maria Martins, Sandra Pereira e João Paulo Silvestre (orgs), *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*, Lisboa, (CLUL: 181–216.

Bazenga, Aline. 2021. Avaliação e atitudes sociolinguísticas no português europeu madeirense, em *Revista Letras*, 1 40, doi: https://doi.org/10.36517/revletras.40.1.12

Bazenga, Aline. *Corpus Sociolinguístico do Funchal*, CIERL-UMa (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira). Disponível em: https://testuma.sharepoint.com/:f:/s/investigacao/cierl/EtNaj7eZ91BoV3SYO69HgMB0rifbx3CEIy9GcpcP-vTRQ?e=nRY0MJ [*cit*.: CSF].

Callou, Dinah e Juanito Avelar. 2012. Preservação e mudança na história do português: de 'possessivo' a 'existencial', em *Matraga*, 19, 30: 224–235.

Campbell-Kibler, Kathryn. 2011. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning, em *Language Variation and Change*, 22, 3: 423-441.

Carrilho, Ernestina e Sandra Pereira. 2011. Sobre a distribuição geográfica de construções sintácticas não-padrão em português europeu, em *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL:125-139.

Carvalho, Maria José. 2014. Aspetos sociocognitivos da variação e da mudança semântica: haver e ter em estruturas de posse, em *Revista Diacrítica*, 28,1: 347–75.

Martins, Ana Maria. (Coord.) 2000. *Corpus dialectal para o estudo da sintaxe* (CORDIAL-SIN). Lisboa, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Disponível em: http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-sin-corpus [*cit*.: CORDIAL-SIN].

Dragojevic, Marko, Fasoli, Fabio, Cramer, Jennifer e Tamara Rakić. 2020. Toward a century of language attitudes research: looking back and moving forward, em *Journal of Language and Social Psychology*, 40, 1: 60-79.

Fernández-Ordóñez, Inés e Enrique Pato. 2020. El COSER (*corpus oral y sonoro del español rural*) y su contribución al estudio de la variación gramatical, em Ángel Gallego e Francesc Roca (eds.), *Dialectología digital del español*, *Verba* (volumen monográfico): 71-100.

Garrett, Peter. 2010. *Attitudes to language*, Cambridge, Cambridge University Press.

Guy, Gregory. 2013. The cognitive coherence of sociolects: how do speakers handle multiple sociolinguistic variables?, em *Journal of Pragmatics*, 52: 63-71.

Hall-Lew, Lauren; Emma Moore, e Robert J. Podesva. 2021. Social meaning and linguistic variation: theoretical foundations, em Lauren Hall-Lew, Emma Moore e Robert Podesva (eds.), *Social meaning and linguistic variation: Theorizing the Third Wave*, Cambridge, Cambridge University Press: 1-24, doi:10.1017/9781108578684.001.

Henriques, Yoselin. 2019. *Particularidades morfossintáticas em variedades rurais do português falado na ilha da Madeira*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Zurique, Suíça. Inédita.

Labov, William. 1972. *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia, U. Of Pennsylvania Press.

Lambert, Wallace E.; Richard Hodgson, Robert Gardner e Samuel Fillenbaum.1960. Evaluational reactions to spoken language, em *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60, 1: 44-51.

Leite, Yonne; Dinah Callou e João Moraes. 2003. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais, em Ivo Castro e Inês Duarte (eds), *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. 1, Lisboa, incm: 87-114.

Mattos e Silva, Rosa Virginia. 2002. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros, em Rosa Virginia Mattos e Silva e Américo Venâncio Lopes Machado Filho (orgs.), *O português quinhentista,* Salvador, edufba: 119-142.

Nunes, Alexandra. 2019. A variante dependente "ter" na variedade do PE da Madeira: estudo de uma amostra de jovens funchalenses e de um inquérito percetivo, Trabalho de *Seminário de Sociolinguística. Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas*, Funchal, Universidade da Madeira. Inédito.

Oushiro, Lívia. 2015. *Identidade na Pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*, São Paulo, Universidade de São Paulo.

Oushiro, Lívia. 2021a. A importância de estudos de avaliação e de percepções sociolinguísticas, em *Revista Letras* 1, 40: 9-20, doi https://doi.org/10.36517/revletras.40.1.1

Oushiro, Lívia. 2021b. Avaliações e percepções sociolinguísticas. em *Estudos Linguísticos,* 50, 1: 318–336, doi: https://doi.org/10.21165/el.v50i1.3100

Pereira, Sílvia Afonso. 2014. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses, em *Textos Selecionados*, *XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL: 445-464.

Pharao, Nicolai e Tore Kristiansen. 2019. Reflections on the relations between direct/indirect methods and explicit/implicit attitudes, em *Linguistics Vanguard*, 5, 1: 1-7.

Rodrigues, Paulo Miguel. 2010. Da insularidade: prolegómenos e contributo para o estudo dos paradigmas da madeirensidade 1910-1926, em *Anuário 2010 do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 2: 210-228

Segura, Luísa. 2013. Variedades dialetais do português europeu, em Eduardo Buzaglo Paiva Raposo; Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura y Amália Mendes (eds.), *Gramática do Português*, Vol I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian: 85-142.

Vieira, Silvia Rodrigues e Silvia Figueiredo Brandão. *CORPORAPORT: Variedades do Português em análise*, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras-UFRJ. Disponível em: <www.corporaport.letras.ufrj.br. [*cit*.: CORPORAPORT].

Viotti, Evani.1999. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*, Tese de Doutorado em Linguística, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo [em linha] Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001060097.

Weinreich, Uriel; William Labov e Marvin Herzog. 1968. Empirical foundations for a theory of language change, em Winfred P. Lehmann e Yakov Malkiel (eds), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press: 97-195.